

# O DESAFIO DE TORNAR-SE SUJEITO DA PRÓPRIA HISTÓRIA: ANÁLISE DE UMA TRAJETÓRIA SOCIOPROFISSIONAL<sup>1</sup>

## *THE CHALLENGE OF BECOMING SUBJECT OF THE OWN HISTORY: ANALYSIS OF A SOCIAL PROFESSIONAL TRAJECTORY*

MARIA FERNANDA DIOGO<sup>2</sup> E MARIA CHALFIN COUTINHO<sup>3</sup>

Recebido em: 15/04/2011

Aprovado em: 04/07/2011

### RESUMO

No Brasil, o segmento de vigilância apresenta intenso predomínio masculino. Discutem-se, neste artigo, as táticas de inserção de uma mulher nesta área, por meio de um estudo de caso. Apresenta-se a trajetória socioprofissional de uma mulher matriculada em um curso profissionalizante de vigilante, objetivando compreender porque ela procurou esta formação, suas expectativas, suas táticas de inserção nesta e/ou em outras profissões e como estas foram por ela significadas. Para coleta de informações, realizaram-se entrevistas recorrentes, e utilizou-se a técnica da Trajetória Socioprofissional. A análise sistemático-dialética buscou o alinhamento do sensível com as condições materiais vividas, o contexto social, cultural e político. Denominou-se *movimento* o percurso narrado no transcurso das entrevistas. Percebeu-se que essa mulher buscou lançar mão de táticas que a colocaram no lugar de sujeito da sua história, rompendo com trajetórias pessoais e familiares consideradas sofridas, buscando desenvolver sua autonomia. Perceberam-se aspectos relacionados às diferenças de gênero no segmento de vigilância, bem como no modo como ela organizava sua trajetória e seu cotidiano. Também foi possível apreender que as entrevistas possibilitaram à participante uma reflexão sobre seu processo e que, mesmo sem intenções clínicas, tornaram-se fontes de *insights*.

**Palavras-chave:** Trabalho; Gênero; Vigilância privada; Trajetória Socioprofissional.

### ABSTRACT

*In Brazil, the surveillance segment presents intense masculine predominance. This article is a case study and discussed the tactics of insertion of a woman in this area. It was presented a woman's socio-professional trajectory registered in a professionalizing course of surveillance to comprehend why she looked this formation, her expectations, and her tactics of insertion in this or other professions and as these had been for her meant. For collection of information, periodic interviews and the technical of Social Professional Trajectory were utilized. The systematic-dialectic analysis searched the comparison of the sensible and the material conditions (the social, cultural and political context). In this study it was called movement the passage in the course of the interviews. This woman looked for tactics for becoming subject of her history, breaching up with suffered personal and family trajectories, looking for to develop her autonomy. Aspects related to the gender differences in this segment had been perceived in this study, as well as in the way as she organized her trajectory. Also it was possible to apprehend that the interviews make possible to the participant an analysis on her trajectory process and, even without clinical intentions, had become insights sources.*

**Keywords:** Work; Gender; urveillance segment; Social Professional Trajectory.

<sup>1</sup> Inicialmente, este estudo foi apresentado no Congrès International Transformations Sociales et Enjeux du Sujet, realizado em Montevidéu em abril de 2011. A versão apresentada para esta publicação foi revista e ampliada.

<sup>2</sup> Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Faculdade Municipal de Palhoça. Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS/UFSC).

<sup>3</sup> Psicóloga e Mestre em Educação pela UFRGS, Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp e Pós-doutora em Psicologia Social pela USP. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenadora do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição do Sujeito (NETCOS/UFSC), bolsista produtividade pelo CNPq.

## 1 Introdução

*Os sonhos são uma pintura muda,  
em que a imaginação a portas fechadas,  
e às escuras,  
retrata a vida e a alma de cada um,  
com as cores das suas ações,  
dos seus propósitos e dos seus desejos.  
(Padre Vieira, Sermão de São  
Francisco Xavier Dormindo).*

Este artigo apresenta alguns apontamentos de parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado<sup>4</sup> através da análise de um estudo de caso. A pesquisa original encontra-se formatada em duas frentes: de um lado, entrevistaram-se mulheres que frequentaram um Curso de Formação de Vigilante (CFV) na região da Grande Florianópolis, SC, objetivando compreender a escolha por esta qualificação profissional tipicamente masculina, suas táticas de inserção profissional nesta e/ou em outras profissões, os resultados obtidos e como estes foram subjetivados pelas entrevistadas. Por outro lado, levantaram-se informações acerca da inserção feminina no setor de vigilância patrimonial privada junto a gestores operacionais e pessoas responsáveis pelo recrutamento e seleção em empresas prestadoras de serviços neste setor. Para este artigo, apresentou-se a trajetória socioprofissional de uma das mulheres participantes da pesquisa, utilizando, para a análise, os aportes teóricos da Psicossociologia.

Um dos pressupostos dos estudos de caso, e das pesquisas qualitativas em geral, é o de que suas considerações não são passíveis de generalizações. Contudo, na medida em que os sujeitos vivenciam relações em determinado espaço social, eles representam, de algum modo, outros pertencen-

tes àquela cultura, naquele período histórico. Dito de outra forma, os sujeitos têm suas subjetividades forjadas pelas nuances culturais que modelam seus modos de ser e de agir em seus contextos. Assim, as entrevistas realizadas para esta pesquisa trouxeram, simultaneamente, elementos coletivos e singulares dialeticamente indissociáveis, pois os sujeitos se apropriam do social e o retraduzem de acordo com as suas subjetividades (GAULEJAC, 1987). Aqui reside a grande riqueza do método: debruçar-se sobre uma vivência singular para descortinar algumas nuances do tecido social.

São restritos os estudos sobre a inserção de mulheres no setor de vigilância privada. Este tem passado por grande expansão nas últimas décadas, acompanhando o crescimento da criminalidade, a percepção social da violência e a sensação de insegurança (BRASIL, 2009). Investir em segurança se tornou elemento central do novo e difundido padrão de segregação urbana (CALDEIRA, 2000), reforçando a busca por soluções individuais, para garantir a integridade física e patrimonial, em enfrentamento à violência.

A profissão de vigilante foi oficialmente criada no Brasil em 1969. Desde então, o número de profissionais vem crescendo em todos os estados da Federação. O país tem 5% mais vigilantes que policiais militares (ABDALA, 2008), a emissão da Carteira Nacional de Vigilantes aumentou mais de 100 vezes desde sua implantação, em 1983, e as empresas de vigilância multiplicaram-se em número e faturamento (ZANETIC, 2005). Quanto ao perfil, os vigilantes têm, em média, de 30 a 39 anos e 5 a 12 anos de estudo, e há intenso predomínio da força de trabalho masculina (OLIVEIRA, 2004).

<sup>4</sup> Pesquisa de doutorado em andamento: *Vigilante feminina: reflexões a partir do aumento de mulheres buscando profissionalização em uma área historicamente associada ao masculino*, inserida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Musumeci (1998) aponta que todas as atividades de segurança, tanto públicas como particulares, ainda são eminentemente masculinas. Em 2001, as mulheres perfaziam apenas 9,5% dos vigilantes brasileiros (ZANETIC, 2005). O baixo percentual de mulheres persiste também em outras profissões vinculadas à segurança: a força de trabalho feminina é restrita no policiamento ostensivo (CALAZANS, 2004) e nas forças armadas (LOMBARDI; BRUSCHINI; MERCADO, 2009). Analisando a oferta de vagas femininas pelo setor de vigilância privada na região metropolitana de Santa Catarina, Diogo e Coutinho (2010) apontam que o número de vagas oferecidas às mulheres vigilantes ainda é muito inferior àquele oferecido aos homens, por questões vinculadas a estereótipos de gênero.

A legislação brasileira exige que seja feito um CFV para o pleno exercício da profissão de vigilante. O curso tem duração média de 16 dias consecutivos e currículo básico definido pela Lei nº 7.102/1983. O investimento médio para realizar o CFV e custear as certidões e documentos é de dois salários mínimos. Os requisitos para a matrícula são: ser brasileiro maior de 21 anos de idade; comprovar que cursou, no mínimo, até a quarta série do ensino fundamental; ter sido aprovado no exame de saúde física e mental; não possuir antecedentes criminais; e estar quite com as obrigações eleitorais e militares (Art. 81, Lei nº 7.102/1983).

Por ser esse um setor em expansão, no qual as análises de gênero ainda não são profícuas, faz-se necessário elaborar estudos sobre o tema, visando aclarar como essas relações repercutem no setor de vigilância privada. Na exposição que segue, apresenta-se uma breve articulação sobre trabalho e gênero, detalha-se o método da pesquisa e expõem-se os resultados, a análise das entrevistas e as considerações sobre essa temática.

## 2 Trabalho e gênero

O setor produtivo e a sociedade como um todo têm sofrido intensas transformações nas últimas décadas. Desde a década de 1970, vem sendo difundido um novo paradigma técnico-produtivo, com grande acirramento na competição econômica e internacionalização da economia. A globalização passou a integrar, funcionalmente, atividades dispersas em escala mundial, intensificando interconexões e interdependências entre os Estados e as sociedades, acentuando o poder de influência política de alguns grupos empresariais e gerando novas formas de organização produtiva (SANTOS, 2001). Os países capitalistas começaram a apresentar sinais do que vem sendo considerada uma crise estrutural (ANTUNES, 2000), e, em decorrência disso, foi possível observar uma série de mutações sociotécnicas nos processos produtivos e organizacionais, o enxugamento da força de trabalho, a flexibilização, o desregulamentação, a terceirização e precarização do trabalho etc. Essas mudanças foram assimiladas pelo setor produtivo brasileiro principalmente a partir das duas últimas décadas do século XX. Para Antunes (2005, p. 48), adentramos em outra fase da mundialização do capital, apontando para uma “[...] nova morfologia que emerge a partir do universo multifacetado do trabalho e suas múltiplas potencialidades”.

Evidencia-se, no setor produtivo, uma intensa mudança econômica, responsável por uma nova constituição dos empregos. Segundo Pochmann (2005), desde os anos 1930, vem sendo verificada uma redução dos postos de trabalho nos setores agropecuário e industrial brasileiros. Como o setor de serviços é muito heterogêneo, o autor buscou analisar quais mudanças ocorreram na sua composição e a sua evolução ocupacional. Para ele, “na década de 1990, os serviços passaram a absorver mais postos de trabalho, sem compensar, entretanto, a

destruição dos empregos verificada tanto no campo como na indústria” (POCHMANN, 2005, p. 60), pois a capacidade de absorção desse setor não se deu na medida da diminuição dos postos de trabalho agropecuários e industriais. O autor aponta que o desemprego seria o reflexo da incapacidade da economia brasileira em gerar um número suficiente de postos de trabalho<sup>5</sup>.

A desigualdade de gênero torna-se sobremaneira evidente nas relações dominantes no mercado de trabalho. Condições materiais diversas impulsionaram as mulheres para a esfera da produção: entre 1976 e 2002, houve um acréscimo de, aproximadamente, 25 milhões de mulheres no mercado de trabalho brasileiro<sup>6</sup>, e hoje a população feminina economicamente ativa encontra-se quase equiparada à masculina. As mulheres conquistaram espaço, ampliando inclusive sua inserção em diversas áreas, contudo a literatura aponta que as atuais transformações produtivas não favoreceram ou foram insuficientes para a equiparação das condições de trabalho existentes entre os sexos (BRUSCHINI, 2007; ARAÚJO; SCALON, 2005; YANNOULAS, 2002).

As mulheres ultrapassaram os homens em nível de escolaridade, contudo elas seguem recebendo salários inferiores aos dos homens com o mesmo nível de escolaridade nos mesmos postos de trabalho e setores de atividades. “A maior parte da distância salarial explica-se pela discriminação e não por características produtivas, já que as mulheres, tendo maiores níveis educativos, teriam, por hipótese, maior rendimento ou produtividade” (YANNOULAS, 2002, p. 21). Para o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2001), quando se leva em consideração as variáveis sexo e escolaridade, ve-

rifica-se que as mulheres são mais mal remuneradas que os homens com o mesmo grau de instrução em todas as regiões do país.

A maior parte da inserção laboral feminina ocorre de forma segmentada, em posições subalternas e mal remuneradas, independente da escolaridade. Barros et al. (2001, p. 2) apontam que as formas de inserção no mercado geralmente são explicadas em virtude das diferentes características dos trabalhadores, sendo que aqueles com mais educação ou experiência tenderiam aos melhores cargos. “No caso dos diferenciais homem-mulher, contudo, observa-se que: a) há pouca distinção de experiência; b) as mulheres são sensivelmente mais escolarizadas; e c) não obstante, os homens têm obtido melhores condições de trabalho.”

O trabalho transcende a atividade realizada, inscrevendo-se no corpo e na percepção de mundo daquele/a que o executa. Pesquisas que estudam facetas relacionadas ao trabalho feminino devem estar atentas às produções de sentidos emergentes das relações de gênero, pois estas explicam os atributos culturais impostos ao masculino e ao feminino, proporcionando a compreensão dos lugares social e culturalmente construídos como uma relação de poder entre os gêneros, como é o caso do setor de vigilância privada.

Como gênero é relacional, quer enquanto categoria analítica quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar. (SAFFIOTI, 1992, p. 187).

<sup>5</sup> Este estudo de Pochmann (2005) refere-se à década de 1990. Cabe ressaltar que houve aumento no número de empregos formais e redução do desemprego nos últimos anos, principalmente durante o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

<sup>6</sup> Dados disponíveis no site da Fundação Carlos Chagas: <[http://www.fcc.org.br/mulher/series\\_historicas/mmt.html](http://www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mmt.html)>. Acesso em: 30 jan. 2007.

As transformações pelas quais vem passando o setor produtivo nas últimas décadas têm afetado tanto as relações concretas como a subjetividade de trabalhadores de ambos os sexos. Homens e mulheres foram atingidos pelos novos métodos de organização e gestão e pelas inovações tecnológicas, pois estas modificaram profundamente as rotinas produtivas e o perfil da força de trabalho, contudo a literatura aponta que as mulheres têm sofrido mais intensamente as transformações produtivas. Ao contrário da propalada igualdade de direitos entre homens e mulheres, Yannoulas (2002, p. 26) aponta que “[...] antigas defasagens se somam à criação de novos mecanismos de desigualdade, de discriminação e de segmentação ocupacional”.

### 3 Método de pesquisa

Esta pesquisa se baseia em uma metodologia qualitativa e segue o desenho de um estudo de caso. Foram entrevistadas, seguindo um desenho longitudinal, mulheres que frequentaram o CFV. No recorte efetuado para este artigo, foram escolhidas as duas entrevistas cedidas por uma das participantes, realizadas, respectivamente, em agosto de 2009, no dia do início do CFV, e julho de 2010, 11 meses depois.

As entrevistas semidirigidas foram baseadas em um roteiro orientador e permitiram contato face a face entre a entrevistadora e a entrevistada, proporcionando maior aprofundamento na coleta de informações. Zago (2003, p. 296) denomina compreensivo este tipo de entrevista, no qual “[...] o pesquisador se engaja formalmente; o objetivo da investigação é a compreensão do social e, de acordo com este, o que interessa ao pesquisador é a riqueza do

material que descobre”. Na realização das entrevistas, foi lido, em conjunto com a entrevistada, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tal como prevê a resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde<sup>7</sup>. As entrevistas foram gravadas (com a expressa autorização da entrevistada) e posteriormente transcritas, de forma literal. As transcrições foram enviadas por correio para a participante.

Também foi utilizada, para coleta de informações, a Trajetória Socioprofissional (TSP), baseada em Gaulejac (1987). Esta técnica busca articular os aspectos econômicos, sociais e/ou ideológicos que condicionam as escolhas sócio-profissionais dos sujeitos. Soares e Sestren (2007) apontam que a TSP propicia ao pesquisador observar as diferentes posições ocupadas pelos sujeitos a partir dos indicadores e quais eventos pessoais ou sócio-históricos as influenciaram. A técnica ainda possibilita dialetizar os aspectos descritivo e analítico, potencializando, em conjunto com o/a pesquisador/a, uma reflexão pessoal do sujeito sobre a sua própria história.

A TSP consiste em solicitar inicialmente ao sujeito que escreva, em uma folha, quais foram os trabalhos realizados por seus avós maternos e paternos, seus pais e seu esposo ou companheiro. Se necessário, o/a pesquisador/a faz questionamentos buscando esclarecer alguns aspectos, tais como classe social, espaço geográfico ocupado, grau de escolaridade dos familiares etc. Soares e Sestren (2007) salientam que essa primeira etapa permite levantar a identidade hereditária do sujeito, sendo elemento importante para compreender sua trajetória.

Em um segundo momento, o sujeito é convidado a descrever, em ordem cronológica, os trabalhos que realizou, alinha-

<sup>7</sup> Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, processo nº 269/09 FR-283757, sendo aprovado em 31 de agosto de 2009.

vando esta exposição à sua trajetória escolar, à sua vida familiar e aos acontecimentos sociais e políticos que influenciaram suas escolhas e decisões. Gaulejac (1987) acredita que a TSP possibilita ao sujeito, ao se defrontar com sua produção gráfica e verbal, refletir e analisar sua trajetória, bem como a relação que esta mantém com sua história pessoal e com o meio social no qual ele está inserido.

Utilizou-se para análise o método sistemático-dialético descrito por Pagès et al. (1987). Os/as pesquisadores/as que utilizam o método devem: (1) destacar, nas falas dos sujeitos, passagens significativas (indicadores de temas); (2) dividi-las em unidades de discurso (temas); (3) classificá-las em função do tema dominante; (4) identificar relações entre temas e sub-temas (por exemplo, entre discurso consciente e inconsciente, entre dito e não-dito); e (5) estabelecer relações com o todo. A noção de totalidade é um ponto central, buscando integrar o sujeito e o social. Este último impõe sua marca em todas as instâncias, desde o nível macro até o nível individual (psíquico), passando pelos intermediários (organizações). “Toda ação é um processo holístico, um fato social total” (SÉVIGNY, 2001, p. 23).

Assim, a análise buscou enfatizar a codeterminação entre os planos social e psíquico: ao pesquisar a subjetividade, deve-se perceber que esta se encontra inscrita nas condições sociais que contribuíram para sua construção. Apreender e interpretar as informações em sua determinação histórica é um dos pressupostos de uma análise dialética. Busca-se refletir o real a partir de suas múltiplas determinações, inclusive as temporais, integrando passado, presente e futuro. Para Gaulejac (1987), há um elo entre a capacidade de uma pessoa reconhecer e interagir com sua história passada e a sua possibilidade de investir em seu futuro.

Denominou-se *movimento* o percurso narrado no transcurso das duas entrevistas analisadas. Buscou-se o alinhamento entre o

sensível, ou seja, a narrativa da participante da pesquisa e, também, sua articulação com as condições materiais vividas, seu contexto social, cultural e político, em uma perspectiva dialética. O movimento não busca uma perspectiva cronológica, mas o percurso do sujeito entre esses dois momentos e como este foi significado.

Na análise do movimento, buscou-se captar as táticas usadas pela entrevistada para se inserir ocupacionalmente. Utilizou-se Certeau (1994) para definir tática e estratégia. Para o autor, a estratégia é organizada pelo cálculo ou manipulação das relações de força envolvidas e pressupõe um sujeito de querer e poder (empresas, exércitos, instituições etc.). Em outras palavras, há um espaço para racionalizar, antever e planejar as ações com autonomia. Já a tática surge na negação da autonomia: ela ocorre em uma relação de forças desigual, configurando-se na “arte do fraco” (p. 101). As ações táticas não pressupõem o controle sobre o tempo ou sobre as circunstâncias; ao contrário, buscam aproveitar as ocasiões e permitem a uma pessoa ou grupos de pessoas criações astuciosas, para transformar uma situação não controlada em favorável. A tática se desenvolve no terreno inimigo e exerce um combate “golpe a golpe”, constituindo-se em uma “antidisciplina” (p. 103).

Cabe salientar ainda que, na perspectiva deste estudo, o/a pesquisador/a não assume posição de neutralidade na medida em que a fala do sujeito é a ele/a dirigida. “A ação raramente é neutra” (SÉVIGNY, 2001, p. 28). Barus-Michel (2004) salienta que o/a pesquisador/a deve considerar-se um interlocutor inserido em seu estudo, pois as informações colhidas são frutos da relação entre ela/a e o/a entrevistado/a.

Apresenta-se a seguir as duas entrevistas cedidas para, em seguida, analisá-las em função da literatura e das demais análises já efetuadas na pesquisa.

## 4 Resultados

Dado o montante de informações colhidas, optou-se por apresentar as duas entrevistas de modo resumido e, visando à fluidez da leitura, apresentamo-las de modo cursivo, colocando entre parênteses as unidades de discurso à qual pertencem.

### Primeira entrevista

A entrevistada tinha 30 anos à época do CFV, era casada e tinha cinco filhos, com idades entre 14 anos e 10 meses. Ela tinha estatura mediana, havia cursado o ensino médio, concluído através de curso supletivo, era residente na região metropolitana de Florianópolis, SC (**dados de identificação**) e sua irmã também era vigilante. Ela relatou buscar um trabalho melhor remunerado e socialmente mais valorizado, tendo havido apoio familiar à sua inscrição no curso (**vigilantes na família**). Disse que sonhava em ser policial e que se inscrever no CFV equivaleria à realização de um sonho (**motivação**). Ela havia realizado anteriormente serviços de empregada doméstica, auxiliar de serviços gerais e copeira, estes dois últimos em uma agência bancária. Na agência, ela conviveu com vigilantes mulheres, interessou-se pela profissão e pediu demissão para fazer o CFV. Na época da entrevista, ela estava recebendo o seguro-desemprego (**empregos anteriores**). Ela custeou o CFV com fundos próprios e auxiliada pelo pai, e demonstrava grande motivação em relação ao curso. Relatou ter planejado primeiro completar o ensino fundamental e médio para, em seguida, matricular-se, pois acreditava que o mercado demandava pessoas com maior escolaridade. A questão do planejamento e organização nos âmbitos familiar e escolar foi uma tônica em toda entrevista. Depois de concluído o curso, ela pretendia acessar alguns contatos na área (pessoas que conheceu no banco) e deixar currículo em empresas

prestadoras de serviços, acreditando ter boas chances de conseguir emprego rapidamente (**expectativa relacionada ao curso**). Segundo a entrevistada, a área de vigilância estava em expansão, mas, para as mulheres, ainda era restrita, por se tratar de uma profissão tipicamente masculina. Disse gostar de se sobressair em relação aos homens, não gostar de “serviço de mulher” e preferir desafios. Também apontou que a área de vigilância tinha um perfil melhor do que aquelas profissões braçais exercidas por ela até então, pois a vigilante não se suja e trabalha “arrumadinha” (**conhecimento da área**). Em relação ao futuro, disse que queria muito ser vigilante e que gostaria de fazer faculdade de Psicologia ou Serviço Social (**futuro**).

### Segunda entrevista

A entrevistada disse ter gostado do CFV, narrando que foi um aprendizado tanto pessoal como profissional, e elogiou bastante os professores e a escola (**o curso**). Ao terminar o curso, ela deixou currículos em diversas empresas prestadoras de serviços e fez contatos com colegas que já exerciam a profissão de vigilante, solicitando indicações. O investimento da matrícula no CFV foi recuperado trabalhando como vigilante em eventos (**pós-curso**). Ela narrou que estava trabalhando há quatro meses como conferente de logística em uma empresa de distribuição de medicamentos. Esta empresa recentemente abriu filial em Santa Catarina e, como era uma empresa nova, ela vislumbrava chances de crescer profissionalmente. Ela havia desistido temporariamente de buscar emprego na área de vigilância, contudo seguia realizando trabalhos como vigilante em eventos (trabalho informal temporário), considerando este trabalho um desafio constante. Para não ocorrerem transtornos, organizava minuciosamente a rotina familiar e dividia com o marido e com a filha mais velha os cuidados com a caçula

(trabalho). Ela afirmou ter dispensado a chance de participar de uma seleção para uma vaga de vigilante em uma empresa prestadora de serviços porque estava empregada em outra área (**contatos profissionais**). Contudo, a área de vigilância continuava atrativa para a entrevistada. Quando ela exercia a profissão de vigilante em eventos, acreditava que, aos olhos dos outros, tornava-se uma pessoa mais importante, treinada e preparada. A entrevistada afirmou que ser uma mulher vigilante impunha respeito, principalmente em relação aos homens, e elevava sua autoestima (**mulheres na vigilância**). Em relação ao futuro, relatou sua intenção de continuar a investir na empresa na qual estava trabalhando e seu desejo de fazer faculdade de Psicologia ou Serviço Social, nem que este sonho demorasse em se concretizar (**futuro**).

#### Trajetoária socioprofissional

A entrevistada se surpreendeu ao traçar sua trajetória, pois, ao narrar suas experiências à entrevistadora, percebeu grande crescimento profissional. Ela iniciou sua fala narrando seu primeiro emprego, de empregada doméstica, aos 13 anos e com baixa escolaridade, e demonstrou grande satisfação ao narrar seu trabalho atual e a conclusão do curso supletivo de ensino médio e do CFV. Sua mãe era empregada doméstica, e seu pai era pedreiro. Em seu discurso, os serviços braçais realizados por ela e pelos demais membros da família receberam conotações sofridas. Sua TSP apresentou-se completamente alinhavada com a maternidade: ela saiu de alguns empregos por não conseguir conciliar o trabalho com o cuidado dos filhos, buscando, nestes períodos, serviços informais. Ela reforçou mais de uma vez que sonhava em ser policial, mas não pôde (devido à escolaridade/idade) e que realizar o CFV equivaleria à realização deste sonho.

## 5 Análise

Primeiramente, observou-se o quanto as características apresentadas pela entrevistada eram ou não atrativas ao setor de vigilância privada. Diogo e Coutinho (2010) apontam que, de acordo com o ponto de vista dos gestores, o setor prefere mulheres com cerca de 1,70 m e ensino médio completo. A maternidade foi citada como um fator limitante ao uso da força de trabalho feminina em postos de vigilância, bem como a presença de filhos menores de dois anos de idade. A entrevistada tinha estatura mediana, ensino médio completo, estabilidade nos empregos anteriores e boa fluência verbal; contudo, ela tinha uma filha pequena, e isso poderia dificultar sua entrada na área. Em suas palavras: “[...] quando a gente tem filho pequeno, a coisa fica bem mais difícil”<sup>8</sup>.

Ela explicou para a pesquisadora que buscava contornar essa dificuldade dividindo os trabalhos domésticos e o cuidado com a filha caçula com os outros membros da família. Observou-se que suas atitudes eram diferenciadas daquelas comumente encontradas nas mulheres, principalmente aquelas pertencentes às classes populares, as quais geralmente tomam para si os cuidados do lar e dos filhos pequenos (BRUSCHINI, 2007). Pensando na perspectiva de Certeau (1994), de a tática ser o recurso dos “fracos”, buscando favorecimento em situações de pouco controle, a entrevistada buscava, por meio destes arranjos familiares, criar mecanismos capazes de romper com os lugares de gênero socialmente determinados e distribuir intrafamiliarmente tarefas socialmente consideradas femininas, como o cuidado com a prole, a limpeza e a manutenção da casa.

A entrevistada narrou seus projetos com empenho, e seu discurso demonstrava que ela planejava cuidadosamente sua vida

<sup>8</sup> As frases e palavras colocadas em itálico entre aspas pertencem à entrevistada.

profissional e pessoal, buscando transcender seu grupo de pertencimento (ROUCHY, 2001). “*Devagarinho, devagarinho. Primeiro é fazer este curso [CFV], ganhar um pouquinho melhor e, quem sabe futuramente, fazer um cursinho e uma faculdade*”. Ela desejava estudar e trabalhar em profissões socialmente mais valorizadas e com menor esforço físico na execução das tarefas. Isto se evidenciou principalmente quando ela explicou à pesquisadora a sequência dos trabalhos delineados em sua TSP. Seus avós, seus pais e ela própria exerceram profissões braçais, trabalhos aos quais ela atribuiu conotação de sofrimento, relacionada ao esforço físico desempenhado na execução das tarefas cotidianas. A entrevistada planejava para si um futuro profissional menos “*sofrido*”. Completar o supletivo do ensino médio e, posteriormente, matricular-se no CFV tiveram como base este projeto.

Mesmo com boa dose de planejamento, questões de gênero se manifestaram em seu percurso: ela narrou que teve que sair de alguns serviços para cuidar dos filhos recém-nascidos, optando, nestes momentos, por trabalhos precários e informais, nos quais, contudo, tinha maior flexibilidade de horários e podia conciliar dos afazeres domésticos e o trabalho remunerado. É comum encontrar certa sazonalidade no trabalho de mulheres, principalmente em virtude da maternidade e dos cuidados com os filhos recém-nascidos. Para Yannoulas (2002), esta se configura em uma característica marcante associada à força de trabalho feminina, reforçando, por vezes, estereótipos de falta de responsabilidade das mulheres para com o trabalho produtivo.

Como táticas de inserção na área de vigilância privada, a entrevistada entregou currículos em empresas prestadoras de serviços e buscou a indicação de colegas, mas o emprego demorou a aparecer. A área de vigilância está gradualmente se abrindo à força de trabalho feminina, contudo esta abertura é parcial e segmentada. Segundo

Diogo e Coutinho (2010), o setor absorve mulheres com base em estereótipo de gênero, concebendo-as como fisicamente mais frágeis e vulneráveis que os colegas homens (mesmo nos postos de trabalho em que a força física é secundária). As autoras apontaram maior concentração feminina em postos de vigilância voltados ao atendimento ao público (recepções, portarias, shoppings e instituições de ensino), sendo vetados às mulheres postos noturnos e aqueles considerados de alta periculosidade. Mantém-se, dessa forma, o *status quo* dos trabalhos destinados a homens e mulheres na área de vigilância privada.

Possivelmente, o desejo da entrevistada em conseguir uma colocação em vigilância privada esbarrou na limitação de vagas oferecidas pelas empresas. Diogo e Coutinho (2010) apontam que são os clientes quem determinam o perfil do/a profissional que vai ocupar o posto de trabalho, e o mercado ainda apresenta estereótipos fortemente identificados ao padrão vigilante-masculino (alto, forte, corajoso e predisposto à proteção das pessoas e do patrimônio). Resiste no imaginário das empresas e dos clientes o forte preconceito de que “[...] mulher não impõe respeito” (DIOGO; COUTINHO, 2010, p. 12).

Embora a entrevistada não tivesse conquistado uma vaga formal na área de vigilância, ela foi capaz de se inserir em outra área na qual se sentia reconhecida e vislumbrava chances de progresso profissional. Dessa forma, ela conseguiu romper com os trabalhos “*sofridos*”, característicos de sua trajetória pessoal e familiar, revelando o sucesso das táticas de planejamento de sua vida escolar e ocupacional. Ela lançou mão de outra tática para “*realizar o sonho*” de se inserir na área de vigilância: buscou trabalhos temporários informais. A entrevistada não baseava sua sobrevivência financeira nesses serviços, mas se encontrava muito satisfeita, porque tinha conseguido repor as economias investidas no CFV através des-

ses “*bicos*” como segurança. Ela também narrou que tinha grande prazer nessa atividade, pois tinha a possibilidade de se “*sobressair em relação aos homens*”. Desse modo, sentia-se valorizada, o que contribuía para elevar sua autoestima. “*As pessoas que veem você têm aquela coisa de respeito [...] [ser vigilante] passa uma coisa boa, assim, uma responsabilidade*”.

A entrevistada atribuía grande importância aos trabalhos formais, amparados pela Consolidação das Leis Trabalhistas. No modo como ela delineou sua trajetória profissional, foi possível perceber que aceitar o emprego como conferente em uma firma recém instalada no cenário catarinense era uma tática que ela estava utilizando para crescer profissionalmente em uma empresa na qual a estrutura hierárquica ainda estava em formação. “*As expectativas para mim e para outras pessoas que entraram junto comigo são grandes*”. Ao conseguir essa colocação, ela dispensou, em seguida, a chance de participar da seleção em uma empresa prestadora de serviços na área de vigilância, porque queria investir nesse novo trabalho.

Em seu discurso, percebem-se estereótipos quanto aos trabalhos considerados masculinos e femininos. Ela considerava o trabalho de vigilante tipicamente masculino e atrativo, enquanto os trabalhos de limpeza foram considerados femininos e depreciados. Diogo (2005) afirma que, nos sentidos atribuídos aos trabalhos associados à limpeza e conservação, destacam-se aspectos desvalorizantes, sendo este trabalho geralmente descrito como cansativo, mal remunerado e socialmente não-reconhecido. Costa (2002) reforça a desvalorização social da categoria dos profissionais de limpeza e conservação, denominando este não-reconhecimento de invisibilidade pública, o qual é sustentado por motivações psicossociais e antagonismos de classe mais ou menos conscientes.

Antes de realizar o CFV, a entrevistada tinha trabalhado em serviços tipica-

mente femininos e subalternos (empregada doméstica, auxiliar de serviços gerais e copeira). Ela buscou romper barreiras ligadas aos modelos sociais preestabelecidos ao escolher a formação de vigilante. “*Eu gosto dessas coisas [vigilância], não sei se é porque é novo, se é porque eu tenho que batalhar mais, tem mais dificuldade para [a mulher] entrar. Eu acho que eu gosto de desafios*”. Apesar de perceber desafios, a entrevistada acreditava que, nessa profissão, enfrentaria menor esforço físico e trabalharia bem vestida, elegante. Ela narrou que gostaria de um trabalho no qual pudesse atuar com “*roupinha social [fardamento], o cabelo bem arrumado, a unha bem-feita, coisas que, na área em que eu estava, não tinha*”. Deixar de manipular produtos de limpeza, não se molhar ou sujar era seu objetivo profissional.

Além disso, inferiu-se, no movimento efetuado por ela, a busca por evadir de profissões desvalorizadas, mal remuneradas e vítimas de preconceito social (COSTA, 2002; DIOGO, 2005). No trabalho de conferente de logística, ela destacou algumas características semelhantes à vigilância, rompendo com os padrões dos trabalhos anteriormente realizados, descrevendo-o como “*desafiante*”, no qual seria necessária muita atenção e responsabilidade. Percebeu-se, no modo como a entrevistada narrou sua trajetória, sentimentos de orgulho e satisfação por ela ter conseguido realizar alguns dos objetivos que delineou.

A entrevistada narrou ter almejado ser policial e, assim, fazer o CFV era a realização deste “*sonho*”. A profissão de vigilante e a de policial estão muito distanciadas quanto aos seus objetivos e métodos (ZANETIC, 2005), contudo ambas são profissões da área de segurança. Da mesma forma que os policiais, os vigilantes também andam fardados e, geralmente, portam arma em serviço. Além disso, eles detêm maior admiração social do que aquela manifestada em relação aos profissionais de limpeza

e conservação. Assim, percebeu-se que matricular-se em um CFV foi a tática encontrada pela entrevistada para satisfazer o sonho de ser policial militar.

Pode-se aventar que, nessa transposição profissional, um processo de sublimação entrou em jogo. Sublimação foi um processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontram seu elemento propulsor na força da pulsão sexual (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992). As atividades para as quais a pulsão se volta são socialmente valorizadas, geralmente artísticas ou intelectuais, podendo também ser laborais. A mudança que se supõe intervir no processo pulsional diz respeito à meta ou mudança do objeto. No caso em foco, percebeu-se, na análise, que a entrevistada satisfaz o desejo relacionado à carreira militar propondo-se o CFV. Considerando pulsão uma carga energética que faz o organismo tender ao objeto de seu desejo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992), percebeu-se, na fala da entrevistada, que exercer a profissão de vigilante informalmente a fazia sentir-se valorizada e importante, elevando sua autoestima e realizando a meta pulsional.

Observaram-se, também, ambivalências na fala da entrevistada: ela fez o CFV visando entrar em uma área tipicamente masculina e disse que gostava de fazer coisas diferentes da maioria das mulheres. Em suas palavras: “*Eu falo isso pro meu marido e ele se mata de rir: ‘eu nasci mulher por um descuido’* [risos]”. Contudo, sua visão de futuro estava atrelada a cursos superiores tradicionalmente femininos (Psicologia e Serviço Social). Esta poderia ser apontada como uma escolha contraditória para quem disse gostar “*dos negócios masculinos*”. Seu projeto futuro espelha, de algum modo, os movimentos contraditórios da entrevistada em sua TSP, às vezes rompendo com os lugares geralmente destinados às mulheres, em outras ocupando estes lugares.

## 6 Considerações finais

A análise do movimento aqui exposta expôs aspectos tanto sociais como psicológicos (individuais), perseguindo as motivações da entrevistada pela busca da área de vigilância privada, bem como as táticas (CERTEAU, 1994) que ela utilizou em suas vivências profissionais. Seguindo a proposta de Gaulejac (2001, p. 72-73), buscou-se, neste artigo, “[...] a análise das relações estruturais, das contradições que elas produzem, das práticas concretas dos atores e das respostas que cada indivíduo dá para tentar se posicionar em sujeito da sua história”.

Percebeu-se, nas entrevistas, que essa mulher buscou lançar mão de táticas bem delineadas, que realmente a colocaram no lugar de *sujeito da sua história*. Ela desejava deixar para trás trabalhos de limpeza, conservação e copa, rompendo com sua trajetória pessoal e com histórias familiares relacionadas a trabalhos fisicamente desgastantes e subservientes. A entrevistada almejava uma posição melhor remunerada e socialmente mais valorizada, na qual não realizasse atividades braçais, não se sujasse nem se molhasse. Planejou cuidadosamente seus passos, concluindo o supletivo e posteriormente o CFV. Diante das contingências de um mercado de trabalho na área de vigilância privada refratário à mão de obra feminina, ela buscou, de modo astucioso, inserção informal nesta área. Assim, conseguiu realizar seu sonho de ser vigilante e vivenciar um sentido de respeito e admiração, elevando sua autoestima. Para garantir seu sustento e de sua família, migrou para uma área que apresentava algumas das características que se tornaram objeto de desejo (a noção de responsabilidade, de desafio, a realização de trabalhos socialmente valorizados). Na nova empresa, ela percebeu a possibilidade de ascender profissionalmente e, dessa forma, adiou taticamente sua busca pela área de vigilância privada. Suas vivências trazem a coerência

de quem pensa e planeja seus rumos, mesmo do lugar do “fraco” (CERTEAU, 1994).

“É pelo fato de estar submetido a múltiplos e contraditórios desígnios que o indivíduo é obrigado a fazer suas escolhas, portanto, a desenvolver sua autonomia” (GAULEJAC, 2001, p. 40). Na dialética proporcionada pela vida, pelos acertos e desacertos, pelas facilidades e dificuldades, percebe-se que essa mulher buscou afirmar-se, constituir-se como sujeito, sendo, ao mesmo tempo, produto e produtora da sociedade na qual está inserida.

Para finalizar, esta pesquisa não pode deixar de enfatizar a grande importância da ética e do comprometimento do/a pesquisador/a em campo. No movimento realizado pela entrevistada entre o primeiro e o segundo encontro, percebeu-se como as entrevistas a levaram a refletir sobre a sua TSP. Ela demonstrou grande satisfação em relação aos *insights* que alcançou durante as duas entrevistas. Mesmo não atuando de forma clínica, ou seja, não realizando quaisquer interpretações, ficou claro que a pesquisadora ocupou importante papel neste processo. A entrevistada revelou (na segunda entrevista) que ela estava ansiosa para encontrar novamente a pesquisadora e lhe contar o que tinha acontecido. Ela disse que mostrou com orgulho à sua família a transcrição da primeira entrevista, delegando grande importância ao trabalho de pesquisa que estava sendo realizado. Em suas palavras: “*Eu fiquei esperando você me ligar. Eu acreditei no seu trabalho de verdade*”. Estar atento, respeitar e analisar os vínculos que se estabelecem em campo, de forma latente ou manifesta, tem que estar na pauta de todo o/a pesquisador/a comprometido/a com a seriedade de seu estudo e com seus sujeitos de pesquisa.

## Referências bibliográficas

- ABDALA, V. Brasil tem 5% mais vigilantes privados do que policiais militares. **Agência Brasil**. 2008. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/06/02/materia.2008-06-02.6503874769/view>>. Acesso em: 13 mar. 2008.
- ANTUNES, R. **O caracol e a sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ARAÚJO, C.; SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação de família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 15-77.
- BARROS, R. P. de et al. Inserção no mercado de trabalho: diferenças por sexo e consequências sobre o bem-estar. **Texto para discussão nº 796**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em 26 jul. 2008.
- BARUS-MICHEL, J. **O sujeito social**. Tradução de E. Galery e V. M. Machado. Belo Horizonte: PUCMG, 2004.
- BRASIL. **Texto base da 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública**. Brasília: PRONASCI; Ministério da Justiça, 2009.
- BRUSCHINI, M. C. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007. Disponível em: <[http://www.oei.es/genero/trabalho\\_genero\\_brasil.pdf](http://www.oei.es/genero/trabalho_genero_brasil.pdf)>. Acesso em: 16 out. 2008.

- CALAZANS, M. E. de. Mulheres no policiamento ostensivo e a perspectiva de uma segurança cidadã. **São Paulo em perspectiva**, v. 18, n. 1, p. 142-150, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22236.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2007.
- CALDEIRA, T. P. do R. **Cidade dos muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: 34; Edusp, 2000.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, F. B. da. **Garis: um estudo de psicologia sobre a invisibilidade pública. 2002. 177 f.** Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/6180/garis-estudo-psicologia-invisibilidade-publica>>. Acesso em: 2 dez. 2007.
- DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2001.
- DIOGO, M. F. **De balde e vassoura na mão: os sentidos do trabalho para mulheres que exercem serviços de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina. 2005. 161 f.** Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0155.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2009.
- DIOGO, M. F.; COUTINHO, M. C. A inserção de mulheres no setor de vigilância privada: análises preliminares de um estudo de caso com gestores de empresas catarinenses prestadoras de serviços. In: SEMINÁRIO NACIONAL TRABALHO E GÊNERO, 3., 2010, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG 2010. p. 1-10. Disponível em: [http://www.cienciasociais.ufg.br/strabalhoe genero/?id\\_pagina=1281526185&site\\_id=244](http://www.cienciasociais.ufg.br/strabalhoe genero/?id_pagina=1281526185&site_id=244)>. Acesso em: 2 fev. 2011.
- GAULEJAC, V. de. **La névrose de classe: trajectoire sociale et conflits d'identité**. Paris: Hommes & Groupes, 1987.
- GAULEJAC, V. de. Psicossociologia e sociologia clínica. In: ARAÚJO, J. N. G. de; CARRETEIRO, T. C. (Org.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001, p. 35-47.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LOMBARDI, M. R.; BRUSCHINI, C.; MERCADO, C. M. **As mulheres nas forças armadas brasileiras: a marinha do Brasil 1980-2008**. São Paulo: FCC/DPE, 2009.
- MUSUMECI, L. **Serviços privados de vigilância e guarda no Brasil: um estudo a partir de informações da PNAD 1985/95**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998. (Texto para discussão, n. 560) Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pub/td/td0560.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2007.
- OLIVEIRA, A. F. de **Empresas de vigilância no sistema de prestação de serviços de segurança patrimonial privada: uma avaliação da estrutura de governança. 2004. 149 f.** Tese (Doutorado em Economia Aplicada)-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-26042005-142812/publico/aryeverton.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-26042005-142812/publico/aryeverton.pdf)>. Acesso em: 5 mar. 2007.

- PAGÈS, M. et al. O poder das organizações. Tradução de M. C. P. Tavares e S. S. Favatti. São Paulo: Atlas, 1987.
- POCHMANN, M. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ROUCHY, J. C. Identificação e grupos de pertencimento. In: ARAÚJO, J. N. G. de; CARRETEIRO, T. C. (Org.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 123-140.
- SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.
- SANTOS, M. J. Processos de globalização versus movimentos de concentração e reestruturação produtiva. In: PEREIRA, A. G. et al. **Globalizações**: novos rumos no mundo do trabalho. Florianópolis: Ed. da UFSC; SOCIUS, 2001. p. 17-41.
- SÉVIGNY, R. A abordagem clínica nas ciências sociais. In: ARAÚJO, J. N. G. de; CARRETEIRO, T. C. (Org.). **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 15-33.
- SOARES, D. H. P.; SESTREN, G. A trajetória socioprofissional. In: BARROS, D. T. R.; LIMA, M. T.; ESCALDA, R. (Org.). **Escolha e inserção profissional**: desafios para indivíduos, famílias e instituições. São Paulo: Vetor, 2007. p. 81-96.
- YANNOULAS, S. C. **Dossiê**: políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho. Brasília: CFEMEA; FIG/CIDA, 2002.
- ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de.; VILELA, R. A. T. (Org.). **Itinerários de pesquisas**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.
- ZANETIC, A. **A questão da segurança privada**: estudo do marco regulatório dos serviços particulares de segurança. 2005. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)-Política Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.